



As Pensadoras vol.1

Participou em colaboração dessa resenha a mestranda Carmen Mily dos Reis Leocádio do Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado do Amazonas, Brasil - contato: milyleocadio@gmail.com

The Thinkers vol.1

Rita de Cássia Fraga Machado 

Centro de Estudos Superiores de Tefé – CEST, Universidade do Estado do Amazonas, Brasil

rmachado@uea.edu.br

Conflito de interesses: nada a declarar. Financiamento: nada a declarar.

Histórico:

Publicação | Published: 19/03/2022

139

Todo o conteúdo da **Herança – Revista de História, Patrimônio e Cultura** é licenciado sob *Creative Commons*, a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.



Recensão

O livro *As Pensadoras* vol. 1, é o projeto editorial de estreia recentemente no Brasil (Editora As Pensadoras, 200 páginas, disponível em formato físico e e-book), que reúne nove artigos, com apresentação assinada pela Coordenadora pedagógica da Escola As Pensadoras e fundadora da editora As Pensadoras.

A editora As Pensadoras nasce do ponto de vista jurídico em 2020 e passou a atuar no mercado editorial em 2021. Em 16 de junho de 2021, foi o dia escolhido para lançar a editora e também a coleção *As Pensadoras* vol. 1. Assim, a trilha surge a partir de uma postura independente. A identificação dessa postura trabalha a valorização da propriedade intelectual, o fortalecimento dos agentes sub-representados (mulheres, pessoas negras, indígenas, LGBTQIA+, pessoas com deficiência, idosos, entre outros grupos), a busca por alternativas de circulação da produção gráfica e literária bem como a revisão dos processos produtivos, o redimensionamento do papel social dos agentes estratégicos que formam essa cadeia produtiva como: autor (a), editora, distribuidora, livraria e o leitor além da formação de redes produtivas e espaços políticos.

A editora As Pensadoras, através da coleção do vol. 1 tem “uma estratégia de difusão da produção acadêmica sobre feminismos”. Ou seja, esse projeto “cujo pressuposto se funda no pensamento interdisciplinar de mulheres” porque “assume a responsabilidade de suprir as

lacunas e a exclusão promovidas pelo cânone oficial”. E se propôs como uma experiência prática de mudança.

Nesse primeiro volume da obra tem-se a apresentação de dez pensadoras. Pensadoras que deram voz a grandes outras pensadoras. Desde o período Medieval com Margaret Cavendish até à Contemporaneidade.

Os artigos contidos nesta coleção *As Pensadoras* vol. 1 revelam o pensamento como postura filosófica feminista.

Para iniciar o fundar do cânone feminista, encontra-se o texto da pensadora Cecília Pires sobre a filósofa Hannah Arendt. A proposta arendtiana é instigante porque é a questão do pensar e do agir. É própria da condição humana, atrelada à condição da liberdade. Ou seja, sem a liberdade é impossível ter uma vida na política. A pensadora apresenta a proposta da filósofa Arendt que se pense o que se está fazendo. Pois, a experiência de pensar no que estamos fazendo nos coloca num espaço público.

As pensadoras Carla Milano Damião e Carmelita Brito de Freitas Felício dão voz à tonalidade feminista Adriana Cavarero. Nascida em 1947, foi influenciada pelo pensamento de Hannah Arendt. Docente de Filosofia Política na Universidade de Verona, atualmente uma das pensadoras mais importantes da Itália. Nascida em 1947, a filósofa feminista e é autora de diversos livros não traduzidos para o

português até hoje. A pesquisa de Cavarero tem como base a filosofia clássica metafísica e a filosofia política de Hannah Arendt. E desenvolve um pensamento complexo que subverte paradigmas históricos de discursos hegemônicos. E produz uma obra de cunho bem acentuado feminista. O pensamento de Caravero se caracteriza por diversos temas presentes na filosofia política de Arendt. Na obra, em vozes plurais, evidenciam-se questões como: a pluralidade humana, seres singulares, ação e discurso. Para a autora, todo ser humano revela a sua identidade única e pessoal através das suas ações e dos seus discursos, e é através desses discursos e ações que o ser humano se distingue dos outros.

O pensamento de Seyla Benhabib é contemporâneo, pois, o movimento crítico evidenciado nos artigos sobre a realidade das mulheres o torna mais integrante. E é a Profa. Loiane Prado Verbicaro que dá voz ao movimento considerando a obra de Benhabib. Compreende democracia como “um modelo para a organização do exercício político e coletivo do poder nas principais instituições de uma sociedade”. E afirma “com base no princípio segundo o qual as decisões que atingem o bem-estar de uma coletividade”. E, ainda, é pessimista no sentido de que “podem ser vistas como o resultado de um procedimento de deliberação livre e racional entre indivíduos considerados iguais política e moralmente”. (BENHABIB, 2007, p. 48).

A pensadora Janyne Sattler apresenta Margaret Cavendish pelo engajamento intelectual, no período Medieval. Parece ser uma mulher que reivindica pelo lugar de

igualdade de sua categoria. Poucos são os dados particulares sobre a vida da filósofa natural. E se deve à biografia escrita de próprio punho – A Verdadeira Relação do meu nascimento, criação e educação (1656) – e depois aos relatos do companheiro de exílio e esposo William Cavendish, incentivador de seu percurso filosófico e editorial. Na obra nomeia suas ambições e seu desejo de servir à Rainha Henrietta Maria quando todos ao seu redor pareciam ser capazes de lutar pela monarquia. Janyne afirma que “todo o empreendimento intelectual de Margaret Cavendish como paradigmaticamente político, como um exercício realizado pela via da palavra”. Ainda, a pensadora comenta “é o que tenho chamado de política do texto, da escrita e da linguagem, se pudermos qualificar suas ações, ainda que anacronicamente, como ações de apelo à emancipação filosófica e literária das mulheres”. Para Margaret a ciência possui um destaque de cunho político. Que compreende e que de fato explica a ação excludente das mulheres do mundo das “sérias” investigações das sociedades científicas e da construção do seu edifício epistemológico como um todo, bem como sua inédita e mal-vista visita à Royal Society, algo que as epistemólogas contemporâneas têm insistido em enfatizar há algumas décadas. Cavendish não hesita em estabelecer o cenário do primeiro discurso com uma amargura que encontra ecos em outros momentos de sua obra, e poderíamos imaginar um desejo seu de conclamação uma revolta coletiva, a despeito de sua reclusão e de seu insulamento intelectual.

A pensadora Beatris Seus apresenta a Simone Beauvoir destaca o conceito de engajamento com a teoria beauvoiriana que dialoga com a Escola As Pensadoras e com a atualidade. Para iniciar, Simone Beauvoir, é interpretada precipitadamente como contraditória e polêmica. É uma autora engajada em favor do ser humano. Mas, uma tentativa de não se aplicar uma distinção humana. E, sim, lutar por um convívio coletivo engajado, racional e reflexivo que consequentemente viesse transformar a sociedade a partir do pressuposto feminista. A francesa Simone é uma pensadora feminista que ignorou os dados da biologia, vendeu-se ao ideal Marxista, Socialista e contrariado aos padrões conjugais e da maternidade, isto é, não se casou e nem teve filhos. A Profa. Beatris faz relevância sobre a crítica da obra *O segundo Sexo* de Beauvoir.

Continuando no fundar do cânone feminista é apresentada a Profa. Alice Lino ao discutir o tema da emancipação das mulheres negras a partir do pensamento político e ético de Davis. A filosofia Angela Davis faz que apareça a história dessa resistência e também narra historicamente fundamentando essa argumentação como se requer no campo da filosofia. Ainda, articula que as demandas do movimento negro não foram atendidas pelas feministas brancas da classe média. Daí essa urgência em pensar nas associações das mulheres negras e que representassem as suas demandas. A relevância dessa discussão histórica pode ser atualizada. A necessidade do diálogo é uma questão pautada no intuito de aprender um vocabulário em relação à escrita e se

possibilite uma reflexão e estabelecer um debate político a confrontar o racismo na sociedade.

Susana de Castro propõe-se a apresentar Maria Lugones, a filósofa, professora e ativista feminista. A partir da inter-relação de três conceitos: feminismos, subalternidade e decolonialidade. O feminismo decolonial acadêmico surge a partir do texto “Colonialidad y género” (2008), é um dos trabalhos mais conhecidos. De cunho investigativo sobre a interseção de raça, classe, gênero e sexualidade. Com objetivo de entender a indiferença dos homens em relação às violências que sistematicamente infringem contra as mulheres não brancas. A autora conclui que são mulheres vítimas da colonialidade do poder, e não se separa da colonialidade de gênero. Na ótica de Lugones, “a nossa localização como mulheres do Sul Global (portanto, mulheres racializadas do ponto de vista europeu independente de quão brancas ou não sejam as nossas peles já marcadas pela miscigenação) é fraturada”. Pois, a pensadora se direciona adjetivando-nos de “subalternas aos olhos do colonizador, mas também pertencemos a uma tradição de mulheres que sempre lutou contra o colonialismo, ainda que algumas mais e outras menos”. A decolonialidade em Lugones pode ser compreendido como caminho para resistir e desconstruir padrões, conceitos e perspectivas impostos aos povos subalternizados.

Dando continuidade no processo de mergulho sobre os pensamentos. Silvia Rivera Cusicanqui é apresentada a partir do pensamento latino-americano, no Brasil,

tecido por Lia Pinheiro Barbosa. Inicialmente, a tônica é memórias de outras mulheres que em diferentes épocas iniciaram também. O processo da escrita como expressão de resistência, da escrita como expressão de um pensamento, de um posicionamento como mulheres e também de mulheres que são sujeitas-produtoras de cultura. A Silvia Cusicanqui nomeia também outras mulheres essa memória e nostalgia de ancestrais que vai perdurar também essa necessidade de refletirmos, lermos, escrevermos e sermos produtoras de cultura; a partir de outras mulheres. Seja espaços nos diferentes espaços da nossa formação continuada seja intelectual e/ou políticas. Cusicanqui destaca a reflexão sobre o lugar da mulher andina como uma chave filosófica e como chave de interpretação sociológica. Entender do que somos como sociedade e construir meios de descolonização e de emancipação.

O artigo de Karina de França Silva Valle finaliza esta antologia apresentando o pensamento de Lélia Gonzalez. Para iniciar, faz-se menção de uma pequena bio da intelectual brasileira. Graduada em história, geografia e Filosofia – UERJ, Mestrado em

comunicação Social, Doutorado em Antropologia Social e Formação contínua em Psicanálise. Valle apresenta uma boniteza em sua escrita em relação ao pensamento de Lélia, que nos toca. Assim, adentra nos conceitos que centralizam a obra da pensadora. E que nos leva a entender um conteúdo que é inerente do pensamento brasileiro e do pensamento de mulheres negras, como é o caso do conceito de “Pretuguês”. Não há dúvida que a intelectual Lélia é uma pensadora que também funda o cânone filosófico no Brasil e que ao lado de outras pensadoras presentes, neste primeiro volume, contribui reforçando o lugar das mulheres na história do pensamento humano até hoje.

O livro *As pensadoras* vol. 1 é de uma linguagem acessível e didática, dirigido a educadores, educandos e todos/todas que sentem a necessidade de uma leitura agradável, potente e enriquecedora.

Todos os textos do livro mostram claramente da fundação do pressuposto cânone feminista. E indico o livro porque todos os artigos fazem esse diálogo durante a leitura em nos convidar a pensar e agir.

Bibliografia

LINO, Alice de Carvalho; SEUS, Beatris da Silva; DAMIÃO, Carla Milani; FELICIO, Carmelita Brito de Freitas; PIRES, Cecília; SATTLER, Janyne; VALLE, Karina de França Silva; BARBOSA, Lia; VERBICARO, Loiane Prado; CASTRO, Susana; MACHADO, Rita de Cássia

Fraga (Organizado). *Coleção As Pensadoras vol. 1*. Porto Alegre: As Pensadoras Editora, 2021. [e-book].

